

ATTITUDES LINGUÍSTICAS: UMA ANÁLISE DAS ATTITUDES DE SULISTAS E NORDESTINOS MORADORES DE CLÁUDIA-MT

Vitória Machado Sabino¹
Neusa Inês Philippsen²

Resumo: Este estudo, que se fundamentou na Sociolinguística Variacionista, teve por objetivo compreender as atitudes linguísticas de sujeitos sulistas e nordestinos moradores de Cláudia³-MT frente a sua variedade de fala e a do outro. Para tanto, foram utilizados questionários e entrevistas livres para a coleta dos dados, bem como caderno de campo, além dos métodos qualitativo e *matched-guise* para as análises posteriores. Dentre os autores visitados, destacam-se Bagno (1999, 2009), Martins, (2014), Amâncio (2011), Botassini (2010), Labov (2008), Silva (2016), Philippsen (2013), entre outros, que serviram grandemente para a construção teórica e analítica deste trabalho. Como resultado, verificou-se a ocorrência de preconceito linguístico tanto com a fala do outro quanto com a própria variedade, além de constatar-se que entre variedades de prestígio também pode haver preconceito, o que é interessante do ponto de vista sociolinguístico.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; atitudes linguísticas; preconceito linguístico; Cláudia.

LINGUISTIC ATTITUDES: AN ANALYSIS OF THE ATTITUDES OF SOUTHERN AND NORTHEAST RESIDENTS OF CLÁUDIA-MT

Abstract: This study, which was based on Variationist Sociolinguistics, aimed to understand the linguistic attitudes of southern and northeastern subjects living in Cláudia-MT facing their own variety of speech and of other ones. For the purpose, questionnaires and free interviews were used for data collection, as well as a fieldwork notebook, in addition to qualitative and matched-guise methods for further analyses. Among the authors visited, there are Bagno (1999, 2009), Martins, (2014), Amâncio (2011), Botassini (2010), Labov (2008), Silva (2016), Philippsen (2013), and others, who served greatly for the theoretical and analytical construction of this work. As a result, it was verified the occurrence of linguistic prejudice both with the other's speech and the own variety, in addition to noticing that there can also be prejudice among prestige varieties, which is interesting from a sociolinguistic point of view.

Keywords: Variationist Sociolinguistics; linguistic attitudes; linguistic prejudice; Cláudia.

¹ Graduada em Letras (UNEMAT/Sinop). E-mail: vitoriamachadosabino@gmail.com.

² Doutora em Letras, professora no Curso de graduação em Letras, pós-graduação *stricto sensu* em Letras (PPGLetras e PROFLETRAS/Sinop). E-mail: neusa.philippsen@unemat.br.

³ Município Norte mato-grossense que está a 606 km de distância da capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá.

Introdução

Abordar assuntos sociolinguísticos é tecer uma rede de inter-relações, pois a língua por si só abrange uma infinidade de características e funções: é rica, híbrida, variável, múltipla, heterogênea, mutante, entre várias outras coisas. Isso se deve ao fato de ela ser “uma instituição social” (BAGNO, 2009, p. 42), sendo língua e sociedade indissociáveis, interdependentes e complementares, além de fazer parte da formação do indivíduo.

Por sua vez, são as mudanças, variações, variedades e fatores sociais relacionados à língua que a Sociolinguística observa, mais especificamente a Sociolinguística Variacionista de William Labov (2008). É a partir dessa disciplina que surgem os estudos em Atitudes Linguísticas, que é a área temática central discutida no escopo deste estudo.

O presente artigo procurou investigar, por meio de pesquisa de campo (entrevistas e questionários), as atitudes linguísticas de sujeitos sulistas e nordestinos e como estes demarcam suas identidades culturais e linguísticas no município de Cláudia-MT. E, ainda, a partir dos dados coletados e transcritos, identificar como ocorre o processo de percepção linguística, por meio de noções positivas e negativas sobre as variedades presentes na fala dos moradores, e como se evidencia o perfil sociocultural desta comunidade de fala.

Os sujeitos participantes da pesquisa, sulistas e nordestinos moradores de Cláudia-MT, foram dois homens e duas mulheres de 18 a 30 anos e dois homens e duas mulheres acima de 50 anos migrantes de cada região, mas que moram na cidade há pelo menos 5 anos.

A ordem de apresentação do artigo traz inicialmente as costuras teóricas necessárias para a fundamentação da pesquisa, na sequência, reflete-se sobre o processo migratório de sulistas e nordestinos ao Norte de Mato Grosso e, finalmente, apresentam-se os resultados.

Tecendo teorias: sociolinguística variacionista, atitudes linguísticas e preconceito linguístico

A tarefa da Sociolinguística é estudar a língua em uso, ou seja, dentro do contexto social, partindo da comunidade linguística, que é onde acontece a interação verbal e o compartilhamento de um conjunto de normas que dizem respeito aos usos

linguísticos. Assim, para Silva (2017, p. 63), “uma comunidade de fala caracteriza-se não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, sendo orientados pelo mesmo comportamento verbal e conjunto de regras”. Esse pressuposto indica que a Sociolinguística tem a variação como seu principal objeto de estudo e “a entende como um princípio geral e universal” (SILVA, 2017, p. 63).

É nesta perspectiva que surgem as pesquisas de William Labov, que em 1963 introduziu suas pesquisas sociolinguísticas a partir de estudos da relação entre língua e sociedade, e da sistematização da variação intrínseca na língua falada. Seu estudo pioneiro foi realizado na ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts (EUA), sendo o primeiro de muitos outros que se seguiram nesta vertente teórica, como a divisão social do inglês falado em Nova York em 1966, a língua do gueto etc. Tais estudos contribuem para o surgimento da Sociolinguística Variacionista, que tem Labov como precursor.

É na comunidade de fala que acontecem as interações de fala e assim se destaca o vínculo entre o espaço e a língua, como enaltecido nos estudos de Labov (2008), visto que o autor se baseia no contexto social de uma comunidade, bem como nos elementos estruturais da fala, que enriquecem a língua e são naturais aos falantes, pois empregam a partir dela diversas características, sendo que são os próprios falantes que constroem os elementos linguísticos. Ademais, a forma como os falantes agem perante a língua também é de interesse da Sociolinguística, porque são as atitudes dos sujeitos que colaboram para a construção linguística de cada um, o que contribui para a heterogeneidade intrínseca da língua.

Pensando nisso, as pesquisas em atitudes linguísticas levam em conta as avaliações e julgamentos que os falantes fazem acerca da língua. O propósito da realização de pesquisas em atitudes linguísticas concerne na análise do julgamento que os falantes fazem acerca dos usos linguísticos do outro, como também do seu próprio.

Foi apoiado nesta perspectiva que Wallace Lambert deu o primeiro passo para as pesquisas em atitudes linguísticas, através de seu próprio método, que é o pioneiro nesta área teórica, tendo seu início na década de 1960 inter-relacionada também à Psicologia Social. Lambert incluiu em seus estudos aspectos sociais, culturais e ideológicos da linguagem através de uma pesquisa em que utilizou a técnica pioneira nos estudos relacionados a atitudes linguísticas: o chamado *matched-guise*, ou falsos pares. Essa técnica criou a possibilidade de medir reações subjetivas dos falantes, além de cada valor característico das variáveis linguísticas, lançando assim base para

diversos estudos, bem como para a evolução dessa área do saber, e a partir daí conceituaram-se as atitudes linguísticas e o seu objeto de estudo.

Assim, uma atitude linguística pode ser entendida como o posicionamento ou comportamento que um indivíduo tem diante de uma variedade linguística específica, podendo ser essa atitude positiva ou negativa para com o modo de falar do próximo. Isto porque as atitudes que os sujeitos conferem uns aos outros acabam sendo transferidas para a língua que utilizam. Esse fato é de suma importância, pois a sobrevivência da língua/variedade e a construção da identidade linguística do indivíduo dependem deste fato.

Então, quando o assunto são as atitudes linguísticas, é necessário que se considerem vários aspectos para que seja possível entender o seu funcionamento dentro de uma comunidade linguística. Todavia, cabe ressaltar que, nesta área dos estudos linguísticos, quem ocupa o palco principal são os falantes, seus comportamentos e ações diante da língua, não apenas do outro, como também da sua própria. Assim, ao se estudar as atitudes linguísticas, é preciso entender que essas ações e comportamentos têm consequências, que é o caso do preconceito linguístico.

Ao tratar a respeito do preconceito sobre a língua, Bagno (1999, p. 40) apresenta o mito de que “as pessoas sem instrução falam tudo errado” e que “o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários”. Isso desencadeia atitudes preconceituosas que excluem as variedades faladas pelos grupos de menor prestígio e exaltam uma língua portuguesa idealizada. Sendo assim, não só determinadas classes sociais sofrem esse preconceito, como também certas regiões, como é o caso do Nordeste. Um exemplo disso pode ser encontrado na televisão, pois nas novelas os personagens nordestinos, geralmente, são encenados de forma grotesca, rústica, atrasada, com o intuito de gerar riso no telespectador.

Deste modo, percebe-se que o preconceito linguístico está intrinsecamente ligado ao preconceito social e ao fator econômico, o que só piora as coisas. Nenhuma variedade pode ser considerada “melhor”, “mais bonita” ou “mais pura”, pois “toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam” (BAGNO, 1999, p. 47). Ao passo que essas variedades deixarem de atender a essas necessidades, acontecerão transformações para que se atendam às novas. Esse é um fato histórico, visto que a construção linguística no geral acontece dessa forma,

através das mudanças feitas por seus usuários a fim de adequarem a língua às suas necessidades.

Encontro de regiões: o processo migratório para o norte de Mato Grosso⁴

O processo migratório para o Mato Grosso deu-se através do Decreto de Lei 1.106, de junho de 1970, quando o então Presidente da República, General Emílio Garrastazu Médici, sancionou o PIN (Programa de Integração Nacional) e iniciou o “processo de transformação, exploração e ocupação da última fronteira agrícola do país”. Esta manobra da Ditadura Militar se engrandeceu a partir de propagandas que prometiam “terras ‘férteis’, incentivos fiscais, financeiros e promessas de lucros fáceis e ascensão social” (PHILIPPSSEN, 2013, p. 59).

Assim sendo, através dos slogans “Integrar para não entregar” e “Levar os homens sem-terra para terras sem homens” é que milhares de pessoas migraram para Mato Grosso. Essas pessoas, em geral, se caracterizavam como trabalhadores rurais e pequenos produtores expulsos de seus locais de origem, sendo principalmente do Sul e do Nordeste, que buscavam reestabelecer suas condições de vida em uma nova região. Em vista disso, que progressivamente se iniciou a ocupação das terras Norte mato-grossenses por pessoas vindas, inicialmente em sua maioria, do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que se instalaram nas terras ofertadas pelas colonizadoras particulares ao venderem ou perderem suas pequenas propriedades.

No cenário da política implementada, empresas privadas foram impelidas pelo Estado Federal a efetivarem o plano de ocupação de Mato Grosso. Assim, empresários experientes em colonização, ao perceberem a possibilidade de conseguir grandes proporções de terras mato-grossenses, adquiriram uma grande área onde iriam iniciar um novo projeto de colonização, que posteriormente seria a Gleba Celeste.

Rohden e De Sá (2014, p. 339) alegam que “a década de 70 foi de modo peculiar muito relevante para o Mato Grosso, um momento em que o Estado foi dividido em grandes-pequenos territórios e esses disponibilizados às empresas colonizadoras”. Sendo assim, a Gleba Celeste foi dividida a partir do plano de urbanismo rural implementado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), sendo transformado em documento governamental em 1973. Assim, Sinop foi

⁴Parte das informações desta seção estão disponíveis em: http://www.dados.mt.gov.br/publicacoes/dsee/dinamica_demografica/fluxos_populacionais/DSEE-DD-RT-003.pdf. Acesso em julho de 2021.

inicialmente rotulada como “Rurópolis”, Vera, Santa Carmem e Cláudia como “Agrópolis” e as “Agrovilas” ficaram sendo os centros convergentes rurais (PHILIPPSEN, 2013).

Ademais, é preciso ter em mente que as pessoas que hoje compõem a região Norte de Mato Grosso são provenientes, além da migração dirigida organizada pelo governo, do movimento migratório ininterrupto de pessoas que buscam ascensão social. Com esse contingente populacional e a mistura de culturas, as cidades fundadas a partir da colonização criaram sua própria identidade cultural e linguística, que hoje fazem de Mato Grosso um estado rico em diversidade e variedade linguísticas.

E dentro desse contexto está Cláudia-MT, último grande ato do projeto criado e conduzido pela Colonizadora Sinop. A cidade teve sua ocupação em meados do ano de 1978, depois da aprovação da chamada “Gleba Celeste – 4ª Parte”. Naquela época ainda era território integrante do município de Chapada dos Guimarães, sendo constituído por 715 lotes e 1.014 chácaras (PHILIPPSEN, 2013). O nome da cidade se deve a Ênio Pipino, um dos empresários responsáveis pela Colonizadora Sinop que se preocupou em dar nome de mulheres para os loteamentos, cidades, estradas, córregos e ribeirões da Gleba Celeste.

Foi no dia 17 de maio de 1978 que os primeiros pioneiros chegaram a Cláudia-MT, sendo concedida a sua emancipação dez anos depois, no dia 04 de julho de 1988 através da Lei n.º 5.319.

Sendo assim, Cláudia compõe um currículo cultural e linguístico amplo, pois, no decorrer dos anos, migrantes de todas as partes do país vieram para cá e assim enriqueceram cultural e linguisticamente o município. Isso porque, a partir dos anos 2000, o fluxo migratório de nordestinos para o município aumentou devido às condições de vida precárias em seus estados de origem. Através das entrevistas realizadas e informações contidas/ anotadas em caderno de campo, constatou-se que a seca e a falta de emprego fizeram com que essas pessoas buscassem por melhores condições de vida em outros estados. Deste modo, essas pessoas alegaram ter vindo para o Norte de Mato Grosso à procura de trabalho, encontrando, em Cláudia, uma cidade em desenvolvimento, emprego em madeireiras e fazendas agropecuárias. Atualmente, a cidade conta com mão de obra para vários setores comerciais, o que continua atraindo pessoas de outros estados para esta região.

Analisando os resultados

No que se refere à metodologia, este estudo amparou-se na pesquisa qualitativa para a descrição de dados, no caderno de campo como método científico para a obtenção de informações sobre o *locus*, uma adaptação do *Matched Guise* de Lambert (1960) para a realização das entrevistas e coleta das informações e interpretação das análises.

As análises, neste artigo, foram divididas em dois eixos direcionadores: 1) perguntas sobre a cidade de Cláudia; 2) perguntas referentes ao preconceito linguístico.

A fim de facilitar a identificação dos entrevistados, utilizamos siglas que podem ser entendidas da seguinte maneira: a primeira letra “S” representa a palavra “sujeito”; as letras “J” (de 18 a 30 anos) e “V” (acima de 50 anos) representam as faixas etárias dos informantes, sendo “jovem” e “velho”, respectivamente, sendo que o último termo será utilizado somente para que haja melhor visibilidade da identificação etária do entrevistado⁵; para “masculino” e “feminino” são utilizadas as letras “M” e “F”; as regiões de origem são representadas pelas letras “N” para “Nordeste” e a letra “S” para “Sul”; e o número identifica cada sujeito, respectivamente (como exemplo, SJMN1).

As análises foram explicitadas de acordo com cada eixo, apresentando-se os resultados adquiridos em cada um deles. Ademais, foram feitos recortes das entrevistas a fim de atender melhor aos objetivos da pesquisa, bem como deixar o texto sucinto. Para tanto, são trazidas, no corpo do texto, somente as respostas que atendem aos propósitos de cada eixo analisado, ou seja, não foram utilizadas as respostas de todos os informantes coletadas nas entrevistas.

EIXO 1: Respostas sobre a cidade de Cláudia

Neste eixo, o propósito foi coletar quais eram as impressões dos sujeitos acerca do repertório linguístico e cultural da cidade de Cláudia-MT através de questões sobre a fala local, o contato de regiões e a possível influência linguística fruto dessa interação.

⁵Ainda que se tenha ciência de que os termos “velho” e “idoso” sejam empregados tão somente a pessoas acima de 65 anos, de acordo com a Lei n.º. 5383/19 do Estatuto do Idoso.

Neste sentido, metade dos informantes apresentaram atitudes positivas no que se refere ao modo de falar dos habitantes da cidade, elencando adjetivos como “legal”, “gostoso”, “bacana”, “muito bom” e “ótimo”, como pode ser visto abaixo⁶:

SJMN1: *“Eu acho muito legal. Porque é um jeito divertido de falar, né. É gostoso falar assim.”*

SJFN2: *“Eu acho bom”.*

SVMN3: *“É muito bom, muito bom. Linguajar diferente, mas é muito bom, já acostumei já. O tempo que eu tô aqui tô bem acostumado já com o povo daqui. É legal, bacana”.*

SVMS7: *“Ah, aqui é ótimo, aqui é uma mistura de gaúcho com paranaense e nordestino. Então, entrevera das culturas”.*

Já os sujeitos “SVFN4, SJFS6 e SVFS8” alegaram que a forma de falar dos claudienses é “normal” devido à convivência no município, o que também pode ser considerada uma atitude positiva. Deste modo, notou-se que estes informantes já possuem um sentimento de pertencimento à comunidade, sendo que “esse sentimento se revela por meio do uso da linguagem, em que as representações de crenças e diferentes identidades sociais se mostram por atitudes linguísticas” (BOTASSINI, 2010, p. 02).

Ademais, a única reação negativa à fala local foi do sujeito “SJMS5”, que alegou que a mistura de variedades acabou ficando “meio embaralhada”, como pode ser observado a seguir:

SJMS5: *“Meio embaralhado. Porque tem muita gente de fora que nem eu, eu sou do Sul, eu já vi gente de São Paulo, já vi gente de Santa Catarina, já vi gente da Bahia aqui. Eu já vi maranhense, meu Deus do céu, o jeito que eles falam, se estressar um pouquinho a criatura, eles falam rápido que não dá pra entender nada.”*

Além de demonstrar uma postura negativa frente à variedade, em formação, da comunidade claudiense, o entrevistado também adota uma postura preconceituosa para com a variedade maranhense. Nesse sentido, Botassini (2013, p. 02) adverte que “as atitudes linguísticas são o reflexo das atitudes psicossociais, de modo que é difícil delimitar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude quanto ao grupo social ou ao usuário dessa variedade”. Assim, “SJMS5”, um

⁶ A transcrição das entrevistas foi feita conforme apresentada nas falas dos informantes.

sujeito jovem do sexo masculino e proveniente da região Sul, acabou por manifestar em sua fala uma atitude preconceituosa não somente frente à variedade local, mas também a uma das variedades em contato no falar local, a maranhense, assim como para com os usuários de tal variedade, o que expõe, além de preconceito linguístico, seu preconceito social.

Além disso, quando questionados sobre o contato com pessoas de diferentes regiões dentro de Cláudia, todos os sujeitos afirmaram que a interação com pessoas de diferentes regiões é positiva, como pode ser observado nas falas de “SJMN1, SVMN3, SJMS5 e SVMS7”.

SJMN1: “[...] Eu acho ótimo. Porque a gente aprende palavras novas. A gente aprende costumes novos, a gente aprende palavrões novos (risos), a gente aprende várias coisas novas”.

SVMN3: “[...] Bom, excelente. Quanto mais amizade melhor, né (risos)”.

SJMS5: “[...] Bom. Porque é interessante mesmo. O sotaque diferente, dá pra aprender bastante, o jeito que as coisas acontecem quando essas pessoas se abrem sobre o lugar que elas vieram também é interessante”.

SVMS7: “[...] É ótimo. A gente aprende muita coisa com as região oposta da região que a gente veio”.

Deste modo, observou-se que as opiniões são as mesmas, tanto entre os jovens, quanto entre as pessoas de mais idade, sejam elas do sexo masculino ou feminino, de ambas as regiões. Este é um caso que mostra que um mesmo fator em comum, como é o caso das migrações em questão, pode fazer com que as atitudes linguísticas dos sujeitos se assemelhem pelo fato da identificação. Assim, pode-se afirmar que “[...] identidade social e identidade linguística são fenômenos que caminham juntos e, dessa forma, a partir da observação das atitudes manifestadas por um grupo em relação à fala do outro, faz-se possível analisar se há ou não uma relação de identidade entre eles” (AMANCIO, 2011, p. 03).

Ademais, quando questionados se a fala das pessoas vindas de outras regiões do Brasil influencia na fala dos claudienses, apenas os sujeitos “SJMS5, SVFS7 e SVMS8” afirmaram que existe sim influência (i) e que esta é positiva (ii).

SJMS5: (i) “Sim. Porque eu acho que sotaque é uma coisa muito fácil de pegar, tanto que quando eu cheguei aqui acho que dois colega meu na segunda semana já tava trocando o você por tu”.

(ii) “Boa. Eu acho uma experiência diferente pra pessoa”.

SVMS7: (i) *“Olha, sempre... uma região da outra vai aprendendo e ensinando”.*

(ii) *“É ótima. Porque um aprende, um ensina, aprende mais coisa, gíria diferente”.*

SVFS8: (i) *“Com certeza. Porque quando você começa conviver com pessoas que têm outros sotaque, muitas coisas que você trazia lá das nossas raízes, você acaba mudando, o sotaque, o jeito de falar”.*

(ii) *“Ah, eu acho boa. Já que você tá convivendo com o povo, você fala igual pelo menos”.*

Entretanto, a maioria dos informantes alegou que não existe influência, como pode ser observado nas falas de “SJMN1, SJFN2, SVMN3 e SJFS6”.

SJMN1: *“Não mais. Porque a gente já tem um modo próprio de falar, então eu acredito que não influencia mais. A influência que teria já aconteceu”.*

SJFN2: *“Eu acho que não. Acho que porque a gente tem que conviver, né, mais”.*

SVMN3: *“Eu acho que não. Pelo que eu vejo aí pouca coisa que muda, né. Então não muda tanto assim não”.*

SJFS6: *“Eu acredito que não sei se possa influenciar. Eu acredito que não”.*

Nesta senda, constatou-se que as atitudes positivas partiram majoritariamente das pessoas de mais idade da região Sul, enquanto as atitudes negativas partiram em sua maioria dos sujeitos jovens nordestinos, fato que pode demonstrar um juízo de valor negativo à própria variedade e de aceitação da variedade de maior prestígio.

EIXO 2: Respostas referentes ao preconceito linguístico

Neste eixo tencionou-se descobrir o que os sujeitos pensavam sobre o seu próprio jeito de falar, buscando analisar a ocorrência ou não de preconceito linguístico, além de verificar se os entrevistados tinham consciência da existência ou não deste tipo de preconceito dentro da comunidade.

Cabe destacar, neste contexto, que, conforme as respostas apresentadas pelos informantes, há em Cláudia-MT uma nova variedade em formação, ou seja, os sujeitos alegam, em sua maioria, que não falam mais como falavam em seus estados de origem, mas, sim, “como as pessoas daqui”.

Ademais, quando a pergunta se referiu ao que as outras pessoas achavam dos seus jeitos de falar, segundo o que eles próprios pensavam, nenhum dos entrevistados respondeu positivamente, sendo que os informantes “SJMN1, SVMN3 e SVFS8” responderam que não causam nenhuma impressão por falarem como todos da comunidade. Já os sujeitos “SJFN2, SVFN4, SJMS5, SJFS6 e SVMS7” responderam distintamente à questão, como pode ser observado a seguir:

SJFN2: *“Não sei. Sei lá, pra uns é bom, pra outros não. Tem uns que fica falando mal.*

Eu acho que elas acham rápido demais. Porque, sei lá, elas não entendem muito o que eu falo”.

SVFN4: *“(Risos) Ah, eu sei lá da cabeça das pessoa. Na minha frente tá me elogiando, nas minhas costas tá metendo o cacete”.*

SJMS5: *“Engraçado. Porque já falaram isso na minha cara”.*

SJFS6: *“Quando eu cheguei aqui as pessoas achavam super estranho, quando eu vim embora pro Mato Grosso. Eles ficavam... toda vez quando eu falava parecia que era, nossa, uma coisa super diferente. Às vezes até hoje quando eu falo “porque” com erre, as pessoas ficam “nossa, que coisa diferente”. Eu acredito que um pouquinho a atenção chama”.*

SVMS7: *“Que eles acham engraçado. Porque é um jeito que a gente puxa um ére mais. Não é mais um erre, é ére”.*

Sendo assim, percebe-se certo preconceito com o próprio modo de falar, pois os sujeitos acreditam que as outras pessoas enxergam negativamente suas variedades de origem. Esse fenômeno acontece devido ao fato de que os preconceitos, sejam eles linguísticos ou sociais, estão impregnados “de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”, como discorre Bagno (1999, p. 75). Dessa forma, ao adotarem essa atitude frente ao próprio modo de falar, os indivíduos acabam por apagar a sua identidade linguística de origem como forma de se adequar à sua atual comunidade de fala.

Cabe enfatizar, como os dados têm mostrado, que não apenas os nordestinos têm preconceito de sua variedade de fala, mas também sulistas, como salientaram a jovem “SJFS6” e o mais velho “SVMS7”. Uma amostra de que, mesmo em uma região considerada com um falar de maior prestígio, há variedades e variantes que também sofrem discriminação. Mais especificamente, sobre o fenômeno linguístico reportado por ambos os sujeitos do Sul, refere-se à pronúncia do r-tepe /r/ na fala de palavras da

língua portuguesa no lugar de fricativa glotal/velar ou vibrante múltipla /x/ e /ř/ (caro/carro). Segundo Fritsch e Pereira (2018), esse fenômeno é comum no Sul do Brasil e a hipótese de seu uso seria por causa do contato da língua portuguesa com línguas europeias trazidas pelos imigrantes europeus, especialmente os de língua alemã.

Dando seguimento às análises, buscou-se observar se os sujeitos sabiam identificar o que mais marcava seus jeitos de falar. A esse respeito, todos eles conseguiram elencar ao menos um aspecto da sua própria variedade. Ademais, tencionou-se perceber se os entrevistados achavam esses aspectos positivos ou negativos, sendo que somente o sujeito “SVFN4” respondeu negativamente, como mostra o excerto a seguir:

SVFN4: “[...] Não, não é legal. Assim, por mais que a gente queira ter educação, né, mas acho que falar baixinho acho que é mais delicado, né. Meu marido, ele tem hora que quando eu falo, eu aumento mais o som da voz, ele fica nervosinho “por que que não fala mais baixo?”, aí eu falo “tu tá com o ouvido doendo é?” (risos). Porque ele fala bem baixinho, deu pra ver, né? Ele fala bem baixinho, é jeito dele. Já eu não sei, sou bem... Sou muito agitada”.

Notou-se, mais uma vez, que a variedade nordestina é tida como “feia”, neste caso evidenciado pela própria entrevistada nordestina com mais de 50 anos, que alegou que sua forma de falar “não é legal”, chegando a dizer que é falta de educação. O preconceito aqui atinge não só a esfera da língua, mas também social, pois observa-se que ela afirma que sua postura comportamental também não é vista positivamente, vê-se como mau educada e agitada. Nesta perspectiva, Bagno (1999, p. 45, grifos do autor) diz que “o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é “atrasado”, “pobre”, [...] então, “naturalmente”, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também deve ser considerada assim”, o que pode ser nitidamente percebido na fala acima.

Outrossim, quando questionados diretamente sobre a existência de preconceito linguístico na cidade, tanto em relação à fala local, quanto à fala de pessoas de outras regiões, os informantes “SJFN2, SVMN3, SVMS7 e SVFS8” responderam negativamente, alegando a não existência de preconceito linguístico, enquanto os sujeitos “SJMN1, SVFN4, SJMS5 e SJFS6” alegaram que existe sim preconceito linguístico em ambas as situações, dando respostas assertivas, que podem ser observadas a seguir:

SJMN1: (i) *“Existe. Porque as pessoas, elas caçoam muito das pessoas que têm o sotaque do Nordeste, né, eu já percebi isso. E o pessoal do Sul tem muita gente que acha elegante. Então eu acho que sim”.*

(ii) *“Sim. É... eu acredito que há, porque... Eu acredito que existe sim preconceito com pessoas de outras regiões que moram aqui, porque as pessoas daqui, a maioria do Sul, eles costumam fingir que não entendem algumas coisas que as pessoas do Nordeste e de outras regiões falam, ou às vezes fazem piadinha com o jeito. Então, eu já presenciei e por isso eu digo “existe sim preconceito”, e muita gente inclusive tenta mudar o modo de falar pra poder não sofrer esse tipo de coisa”.*

SVMN4: *“Acho que sim. Depende, né. Depende de cada um”.*

SJMS5: *“Com o maranhense um pouco. Mais por conta da região ser do Nordeste, o pessoal ser mais acostumado a fazer uma brincadeira ou outra de lá”.*

SJFS6: (i) *“Ah, existe, eu acredito que existe, porque às vezes as pessoas... eu vejo dentro da faculdade, a menina que veio totalmente do Sul, ela tinha aquela super sotaqueção, as pessoas ficavam “ai, fala essa tal palavra”, “ai, não sei o quê” e começava todo mundo dar risada. Acho que isso dependendo o jeito que é ela deve levar a mal, tipo se sentir constrangida, né”.*

(ii) *“Ah, com certeza. Porque eu vejo em questão as palavras típicas do Maranhão que as pessoas levam com motivo de sarro, né”.*

Assim, notou-se que a percepção de preconceito linguístico presente na comunidade partiu, em peso, dos sujeitos jovens, tanto dos da região Sul, quanto dos do Nordeste, enquanto os entrevistados de mais idade demonstraram atitudes negativas quanto a existência desse fenômeno, menos o nordestino “SVMN4”. Esse fato mostra que as novas gerações estão mais atentas ou mais abertas ao diálogo sobre os acontecimentos atuais e como isso afeta a vida das pessoas, como vimos nos excertos. Outrossim, esses sujeitos mostraram perceber o preconceito contra as pessoas nordestinas, pois, “do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões” (BAGNO, 1999, p. 45).

Neste sentido, observou-se, de modo geral, que o preconceito maior é para com a variedade nordestina, sendo que até mesmo os próprios falantes da região Nordeste mostram preconceito com a própria fala, alegando estar incorreta ou inadequada.

Para concluir esta seção de análises, nada melhor do que trazeremos as aprazíveis palavras de Scherre (2005): É tarefa das mais nobres lutar publicamente contra o preconceito linguístico e não deixar que as pessoas possam ser menosprezadas pela sua

forma de falar. É, finalmente, tarefa das mais nobres ainda lutar por democracia linguística, pois é preciso dar vez e voz a todas as falas, incluindo-se entre elas as que não têm prestígio, erroneamente denominadas de erradas.

Considerações finais

Ao se estudar as atitudes linguísticas de migrantes sulistas e nordestinos moradores de Cláudia – MT, descobriu-se, mais uma vez, a imensidão de sentidos que a língua pode tomar. A separação em eixos para análises possibilitou-nos mostrar o fato de sujeitos sulistas também demonstrarem preconceito para com a própria variedade, algo que soa tão comum, pois a variedade falada na região Sul é percebida, no âmbito do senso comum, por grande parte dos falantes do país como uma das mais próximas da norma culta devido a ascendência europeia.

Entretanto, mesmo que tenha sido percebido esse fato, a postura dos sujeitos sulistas foi de “dominância”, ou seja, de atitudes que exaltaram o prestígio não da variedade em si, mas da proveniência do estado sulista de origem, tendo em vista que entre os entrevistados a maior ocorrência de preconceito foi entre os sujeitos da região Sul para com a variedade nordestina. Além de que, enquanto esses sujeitos assumiam uma posição de agentes do preconceito, os sujeitos da região Nordeste apresentaram uma posição mais passiva, de quem sofre e subjugua o preconceito, como pôde ser visto nas análises. Assim, conforme também outros estudos sociolinguísticos mostram (BAGNO, 1999, 2009; MARTINS, 2014; SILVA, 2016), detectou-se que os falantes da região Nordeste se encontram como alvo predominante de preconceito, tanto linguístico quanto social.

Essa constatação pôde ser verificada em distintos momentos das análises, o que destacou um sentimento de inferioridade por parte dos sujeitos nordestinos. Suas falas demonstraram atitudes negativas em relação às suas próprias variedades, especialmente porque boa parte dos informantes da região Nordeste demonstrou já ter sido alvo de preconceito. Esses resultados puderam ser observados tanto entre os jovens, quanto entre as pessoas de mais idade, o que mostra mais uma vez o impacto negativo causado pelo fenômeno do preconceito.

Notou-se como as atitudes linguísticas podem demonstrar aspectos importantes de uma comunidade. No caso de Cláudia-MT, uma cidade cujos habitantes são

formados em sua maioria por migrantes, percebeu-se que os sujeitos da pesquisa já se identificam com o repertório linguístico e cultural variado.

Assim, as atitudes linguísticas demonstradas por eles fizeram com que fosse possível entender um pouco mais como a comunidade se constitui linguisticamente. Ademais, mesmo que se tenha detectado muitas atitudes fontes de preconceito, também foi possível perceber que os sujeitos se sentem parte da comunidade, inclusive de tal forma que percebem a variedade local como sinônimo de identidade, pertença.

Referências

AMÂNCIO, Rosana Gemima. **Um estudo sobre atitudes linguísticas: o caso da tríplice fronteira.** 2011.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** Edições Loyola, 1999.

BOTASSINI, Jaqueline Ortelan M. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu.** Universidade Estadual de Maringá -UEM. Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 2010.

FRITSCH, Camila Elis; PEREIRA, Cristiano da Silveira. O r-tepe /r/ na fala de usuários descendentes de falantes de Hunsrückisch: um preconceito linguístico com essa variante fonológica na língua portuguesa brasileira na comunidade escolar de Feliz. **Web Revista Sociodialeto – NUPESDD / LALIMU**, v. 9, nº 26, nov. 2018.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. E., Hodgson, R. C., Gardner, R. C., & Fillenbaum, S. (1960). Evaluational Reactions to Spoken Language. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 60, 44-51.

MARTINS, Maridelma Laperuta. **A sociolinguística e o ensino de língua portuguesa – uma proposta para um ensino aprendizagem livre de preconceitos.** Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/Araraquara, 2014.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais.** 2013. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2013.

ROHDEN, Josiane Brolo; DE SÁ, Elizabeth Figueiredo. Do Sul para o centro-oeste: a saga de migrantes sulistas para o norte de mato grosso-histórias de muitas vidas e de

uma escola 'inventada'(1973-1979). **Cadernos de História da Educação**, v. 13, n. 1, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: Variação linguística, mídia e preconceito. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, Yane Marcelle Pereira. **“Esses nordestinos...”**: discurso de ódio em redes sociais da internet na eleição presidencial de 2014. Dissertação - Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF, 2016.

SILVA, Rodrigo S.; BORTOLOZZO, Rodrigues S.; SILVA, Giseli V. A língua e suas nuances: estudo das variações linguísticas no contexto da música Zaluzejo. E-book – **Caderno de Linguística**: Pesquisa em Movimento. Volume 7, jun. 2017, pg. 61-72.